

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vírgula (Chancela do Sítio do Livro)

TÍTULO: O que se vê e O que não se vê

AUTOR: Frédéric Bastiat

CAPA, REVISÃO E PAGINAÇÃO: Janela Francesa

TRADUÇÃO: Janela Francesa

1.^a EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: Agapex

ISBN: 978-989-8413-12-3

DEPÓSITO LEGAL: 318136/10

©FRÉDÉRIC BASTIAT

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt



**CE QU'ON VOIT ET CE QU'ON NE
VOIT PAS**

**O QUE SE VÊ E O QUE NÃO
SE VÊ**

Frédéric Bastiat

Tradution/Tradução: JANELA FRANCESA
19 de Outubro de 2010

Nota sobre Frédéric Bastiat

Frédéric Bastiat viveu entre 1801 e 1850 na época da Revolução Francesa e do despoitar da Revolução Industrial. No seu estilo directo, onde se misturam comparações pedagógicas com fábulas satíricas, procura pôr a claro os principais sofismas e mitos urbanos que circulavam, e ainda circulam, em torno dos conceitos de Estado, riqueza, socialismo, solidariedade, intervencionismo, imposto, etc. Enquanto que em França ele escrevia os “Sophismes Économiques” Karl Marx escrevia “Das Kapital”. Em 1846, quando foi eleito membro da Academia de Ciências francesa, podiam-se encontrar traduções dos seus livros em Inglês, Espanhol, Italiano e Alemão. Um sucesso que resistiu à prova do tempo : hoje existem numerosos sítios na Rede que divulgam as suas idéias. O seu sucesso actual não se deve seguramente ao estilo que utiliza, nem unicamente ao facto de discutir questões económicas, um assunto que garante sempre uma certa audiência, mas muito provavelmente devido à época em que viveu, tempos conturbados como os nossos : à sua Revolução Industrial poderemos substituir a nossa Revolução Informática, à sua Revolução Francesa poderemos substituir a nossa Mundialização. Por detrás do estilo leve o leitor encontrará o rigor e a independência de quem procura analisar todas as consequências de um acto, de uma teoria, de um hábito, de uma lei, e não supor simplesmente que elas são boas porque as intenções parecem boas.

Nota do Tradutor (N. do T.)

Qualquer tradução tenta respeitar o estilo do autor, o conteúdo da sua mensagem, a fluência do seu texto, a sequência das suas idéias, as interconexões implícitas entre certas palavras ou frases, etc. Ora, quando se passa um texto para outra língua, esse conjunto de exigências revela-se quase sempre auto-contraditório, e é-se por isso obrigado a fazer concessões. O nosso caso não foi excepção, mas existe um ponto sobre o qual fomos intrasigentes: a fiabilidade. Permitimo-nos ter uma tradução menos fluente, com uma construção das frases menos habitual, mas queremos uma tradução que diga exactamente em português o que foi escrito em francês, não mais, nem menos, nem melhor nem pior. Queremos que a responsabilidade do que está escrito seja de Frédéric Bastiat e não da tradução. Uma tradução feita neste espírito é uma isopleroforia, isto é, uma tradução na qual a quantidade de informação que se pode extrair do texto original é idêntica à quantidade de informação que se pode extrair do texto na língua final. É essa equivalência que assumimos enquanto tradutores.

A obra original em francês pode ser encontrada em vários sítios, como por exemplo, <http://www.bastiat.net/>. Uma tradução em português do Brasil (ISBN 85-85054-14-X) pode ser facilmente encontrada na sua versão digital e gratuita em vários blogs em língua portuguesa sobre economia e liberalismo. Existe ainda uma tradução incompleta em português de Portugal em <http://pt.wikisource.org/>. O sítio <http://bastiat.org/> distribui uma tradução em espanhol e outra em inglês. Todas estas traduções foram-nos úteis, assim como a leitura parcial de alguns capítulos feita por alguns amigos: Paula Matos, Maria Julieta e Carlos Pessoa. Obviamente que os erros e as imprecisões que certamente ainda existem no texto final são da exclusiva responsabilidade da “Janela Francesa”.

Introduction

Dans la sphère économique, un acte, une habitude, une institution, une loi n'engendrent pas seulement un effet, mais une série d'effets¹. De ces effets, le premier seul est immédiat ; il se manifeste simultanément avec sa cause, on le voit. Les autres
5 ne se déroulent que successivement, on ne les voit pas ; heureux si on les prévoit.

Entre un mauvais et un bon Économiste, voici toute la différence : l'un s'en tient à l'effet visible ; l'autre tient compte et de l'effet qu'on voit et de ceux qu'il faut prévoir.

10 Mais cette différence est énorme, car il arrive presque toujours que, lorsque la conséquence immédiate est favorable, les conséquences ultérieures sont funestes, et vice versa. — D'où il suit que le mauvais Économiste poursuit un petit bien actuel qui sera suivi d'un grand mal à venir, tandis que le vrai éco-
15 nomiste poursuit un grand bien à venir, au risque d'une petit mal actuel.

Du reste, il en est ainsi en hygiène, en morale. Souvent, plus le premier fruit d'une habitude est doux, plus les autres sont amers. Témoin : la débauche, la paresse, la prodigalité. Lors
20 donc qu'un homme, frappé de l'effet qu'on voit, n'a pas encore appris à discerner ceux qu'on ne voit pas, il s'abandonne à des habitudes funestes, non-seulement par penchant, mais par calcul.

Ceci explique l'évolution fatalement douloureuse de l'humanité. L'ignorance entoure son berceau ; donc elle se détermine
25 dans ses actes par leurs premières conséquences, les seules, à

¹ Ce pamphlet, publié en juillet 1850, est le dernier que Bastiat ait écrit. Depuis plus d'un an, il était promis au public. Voici comment son apparition fut retardée. L'auteur en perdit le manuscrit lorsqu'il transporta son domicile de la rue de Choiseul à la rue d'Alger. Après de longues et inutiles recherches, il se décida à recommencer entièrement son oeuvre, et choisit pour base principale de ses démonstrations des discours récemment prononcés à l'Assemblée nationale. Cette tâche finie, il se reprocha d'avoir été trop sérieux, jeta au feu le second manuscrit et écrivit celui que nous réimprimons. (Note de l'éditeur de l'édition originale.)

Introdução

Na esfera económica, um acto, uma hábito, uma instituição, uma lei não engendram somente um efeito, mas uma série de efeitos³. Desses efeitos, só o primeiro é imediato; ele manifesta-se simultaneamente com a sua causa, vê-se-o. Os outros desenrolam-se apenas sucessivamente, não se os vê; felizes se os prevêmos. 5

Entre um mau e um bom Economista, eis toda a diferença: um restringe-se ao efeito visível; o outra toma em conta o efeito que se vê e aqueles que é preciso prever. 10
Mas esta diferença é enorme, pois acontece quase sempre que, no momento em que a consequência imediata é favorável, as consequências ulteriores são funestas, e vice versa. De onde se segue que o mau Economista persegue um pequeno bem presente o qual será seguido de um grande mal futuro, enquanto que o verdadeiro economista persegue um grande bem futuro, correndo o risco de um pequeno mal presente. 15

De resto, isso assim é em higiene, em moral. Frequentemente, mais o primeiro fruto de um hábito é doce, mais os outros são amargos. Testemunho: o desregramento, a preguiça, a prodigalidade. Então quando um homem, impressionado pelo efeito que se vê, ainda não aprendeu a discernir os que não se vêem, abandona-se a hábitos funestos, não somente por inclinação, mas por cálculo. 20

Isto explica a evolução fatalmente dolorosa da humanidade. A ignorância rodeia o seu berço; então ela define os seus actos pelas suas primeiras consequências, as únicas que possa ver 25

³ Este panfleto, publicado em Julho 1850, é o último que Bastia escreveu. Há mais de um ano, que ele estava prometido ao público. Eis como a sua aparição foi retardada. O autor perdeu o manuscrito no momento em que o transportava do seu domicílio na rua Choiseul para a rua de Alger. Depois de longas e inúteis procuras, ele decidiu-se a recomeçar inteiramente a sua obra, e escolheu como base principal das suas demonstrações os discursos recentemente pronunciados na Assembleia nacional. Essa tarefa acabada, ele censurou-se por ter sido demasiado sério, atirou ao fogo o segundo manuscrito e escreveu aquele que nós imprimimos. (Nota do editor da edição original.)

son origine, qu'elle puisse voir. Ce n'est qu'à la longue qu'elle apprend à tenir compte des autres². Deux maîtres, bien divers, lui enseignent cette leçon : l'Expérience et la Prévoyance.

- 30 L'expérience régente efficacement mais brutalement. Elle nous instruit de tous les effets d'un acte en nous les faisant ressentir, et nous ne pouvons manquer de finir par savoir que le feu brûle, à force de nous brûler. à ce rude docteur, j'en voudrais, autant que possible, substituer un plus doux : la Prévoyance.
- 35 C'est pourquoi je rechercherai les conséquences de quelques phénomènes économiques, opposant à celles qu'on voit celles qu'on ne voit pas.

²V. le chap. XX du tome VI (Note de l'éditeur de l'édition originale.)

na sua origem. É apenas com o tempo que aprende a tomar em conta as outras consequências⁴. Dois mestres, bem diversos, ensinam-lhe essa lição: a Experiência e a Previdência⁵. A experiência impõe as regras eficazmente mas brutalmente. Ela instrui-nos sobre todas as consequências de um acto fazendo-nos senti-las, e nós não podemos que acabar por compreender que o fogo queima, à força de nos queimarmos. A este rude doutor, eu gostaria de, tanto quanto possível, substituir um mais suave: a Previdência. É por isso que investigarei as consequências de alguns fenómenos económicos, opondo ao que se vê o que não se vê.

⁴V. O cap.XX do tomo VI (Nota do editor da edição original.)

⁵N. do T.: Capacidade de Prever

I. La Vitre cassée

Avez-vous jamais été témoin de la fureur du bon bourgeois Jacques Bonhomme, quand son fils terrible est parvenu à casser un carreau de vitre ? Si vous avez assisté à ce spectacle, à coup sûr vous aurez aussi constaté que tous les assistants, fussent-ils trente, semblent s'être donné le mot pour offrir au propriétaire infortuné cette consolation uniforme : « À quelque chose malheur est bon. De tels accidents font aller l'industrie. Il faut que tout le monde vive. Que deviendraient les vitriers, si l'on ne cassait jamais de vitres ? »

Or, il y a dans cette formule de condoléance toute une théorie, qu'il est bon de surprendre flagrante delicto, dans ce cas très-simple, attendu que c'est exactement la même que celle qui, par malheur, régit la plupart de nos institutions économiques. À supposer qu'il faille dépenser six francs pour réparer le dommage, si l'on veut dire que l'accident fait arriver six francs à l'industrie vitrière, qu'il encourage dans la mesure de six francs la susdite industrie, je l'accorde, je ne conteste en aucune façon, on raisonne juste. Le vitrier va venir, il fera besogne, touchera six francs, se frottera les mains et bénira de son cœur l'enfant terrible. C'est ce qu'on voit.

Mais si, par voie de déduction, on arrive à conclure, comme on le fait trop souvent, qu'il est bon qu'on casse les vitres, que cela fait circuler l'argent, qu'il en résulte un encouragement pour l'industrie en général, je suis obligé de m'écrier : halte-là !

Votre théorie s'arrête à ce qu'on voit, elle ne tient pas compte de ce qu'on ne voit pas.

On ne voit pas que, puisque notre bourgeois a dépensé six francs à une chose, il ne pourra plus les dépenser à une autre.

On ne voit pas que s'il n'eût pas eu de vitre à remplacer, il eût remplacé, par exemple, ses souliers éculés ou mis un livre de plus dans sa bibliothèque. Bref, il aurait fait de ses six francs un emploi quelconque qu'il ne fera pas.

Faisons donc le compte de l'industrie en général.

I. O Vidro partido

Alguma vez foi testemunha da fúria do bom burguês Jacques Bomhomem, quando o seu terrível filho conseguiu partir um vidro? Se assistiu a este espectáculo, seguramente também terá constatado que todos os assistentes, fossem eles trinta, parecem te-ser passado palavra para oferecer ao proprietário infortunado esta consolação uniforme: «A alguma coisa a desgraça é boa. Tais acidentes fazem andar a indústria. É preciso que toda a gente viva. Que deviriam os vidraceiros, se nunca se partissem vidros?» 5

Ora, há nesta fórmula de condolência toda uma teoria, que é bom surpreender em flagrante delito, neste caso muito simples, atendendo a que ela é exactamente a mesma que, por desgraça, rege a maior parte das nossas instituições económicas. Suponha-se que seja preciso despende seis francos para reparar o prejuízo, se se quer dizer que o acidente faz chegar seis francos à indústria vidraceira, que ele encoraja na medida de seis francos a acima dita indústria, eu concordo, não contesto de nenhuma maneira, raciocina-se correctamente. O vidraceiro vai vir, fará o trabalho, receberá seis francos, esfregará as mãos e abençoará do seu coração a terrível criança. Isso é o que se vê. 10 15 20

Mas se, por via de dedução, se chega à conclusão, como se o faz demasiado frequentemente, que é bom que se partam vidros, que isso faz circular o dinheiro, que disso resulta um encorajamento para a indústria em geral, eu sou obrigado a exclaimar: alto aí! A vossa teoria pára no que se vê, não tem em conta o que não se vê. 25

Não vê que, pois que o nosso burguês despendeu seis francos numa coisa, ele já não poderá despendê-los noutra. Não vê que se ele não tivesse tido o vidro para substituir, teria substituído, por exemplo, os seus sapatos gastos ou posto mais um livro na sua biblioteca. Em poucas palavras, ele teria feito des-ses seis francos um outro emprego qualquer que não fará. Fazamos então as contas da indústria em geral. 30

La vitre étant cassée, l'industrie vitrière est encouragée dans la mesure de six francs ; c'est ce qu'on voit.

Si la vitre n'eût pas été cassée, l'industrie cordonnière (ou toute autre) eût été encouragée dans la mesure de six francs ; c'est ce qu'on ne voit pas.

Et si l'on prenait en considération ce qu'on ne voit pas, parce que c'est un fait négatif, aussi bien que ce que l'on voit, parce que c'est un fait positif, on comprendrait qu'il n'y a aucun intérêt pour l'industrie en général, ou pour l'ensemble du travail national, à ce que des vitres se cassent ou ne se cassent pas.

Faisons maintenant le compte de Jacques Bonhomme.

Dans la première hypothèse, celle de la vitre cassée, il dépense six francs, et a, ni plus ni moins que devant, la jouissance d'une vitre.

Dans la seconde, celle où l'accident ne fût pas arrivé, il aurait dépensé six francs en chaussure et aurait eu tout à la fois la jouissance d'une paire de souliers et celle d'une vitre.

Or, comme Jacques Bonhomme fait partie de la société, il faut conclure de là que, considérée dans son ensemble, et toute balance faite de ses travaux et de ses jouissances, elle a perdu la valeur de la vitre cassée.

Par où, en généralisant, nous arrivons à cette conclusion inattendue : «la société perd la valeur des objets inutilement détruits,» — et à cet aphorisme qui fera dresser les cheveux sur la tête des protectionnistes : «Casser, briser, dissiper, ce n'est pas encourager le travail national,» ou plus brièvement : «destruction n'est pas profit».

Que direz-vous, *Moniteur industriel*, que direz-vous, adeptes de ce bon M. de Saint-Chamans, qui a calculé avec tant de précision ce que l'industrie gagnerait à l'incendie de Paris, à raison des maisons qu'il faudrait reconstruire ?

O vidro estando partido, a indústria vidraceira é encorajada na medida de seis francos; é o que se vê. 35

Se o vidro não tivesse sido partido, a indústria cordoeira (ou qualquer outra) teria sido encorajada na medida de seis francos; é o que não se vê.

E se se tomasse em consideração o que se não vê, porque é um facto negativo, do mesmo modo que o que se vê, porque é um facto positivo, compreender-se-ia que não há nenhum interesse para a indústria em geral, ou para o conjunto do trabalho nacional, em que os vidros se partam ou não se partam. 40

Façamos agora as contas de Jacques Bomhomem. 45

Na primeira hipótese, a do vidro partido, ele despende seis francos, e tem, nem mais nem menos que antes, a fruição de um vidro.

Na segunda, aquela onde o acidente não aconteceu, ele teria despendido seis francos em calçado e teria tido tudo de uma vez a fruição de um par de sapatos e a de um vidro. 50

Ora, como Jacques Bomhomem faz parte da sociedade, é preciso concluir daí que, considerada no seu conjunto, e todo o balanço feito dos seus trabalhos e fruições, a sociedade perdeu o valor do vidro partido. 55

Por onde, generalizando, nós chegamos a esta conclusão inesperada: «a sociedade perde o valor dos objectos inutilmente destruídos», — e a este aforismo que fará endireitar os cabelos sobre a cabeça dos proteccionistas: «Partir, quebrar, dissipar, não é encorajar o trabalho nacional», ou mais brevemente: «destruição não é lucro». 60

Que dirá o *Monitor industrial*⁷, que dirão os adeptos desse bom Sr. de Saint Chamans⁸, que calculou com tanta precisão o que a indústria ganharia com o incêndio de Paris, à razão das casas que seria necessário reconstruir? 65

⁷N. do T.: “Le Moniteur industriel” – jornal especializado em ecónomia que apareceu em França em 1835.

⁸N. do T.: Visconde de Saint-Chamans (1777-1861) – conselheiro de Estado. Bastiat refere-se ao que Saint-Chamans escreveu em 1824 no seu «Nouvel Essai sur la Richesse des Nations»

Je suis fâché de déranger ses ingénieux calculs, d'autant qu'il en a fait passer l'esprit dans notre législation. Mais je le prie de les recommencer, en faisant entrer en ligne de compte ce qu'on ne voit pas à côté de ce qu'on voit.

- 70 Il faut que le lecteur s'attache à bien constater qu'il n'y a pas seulement deux personnages, mais trois dans le petit drame que j'ai soumis à son attention. L'un, Jacques Bonhomme, représente le Consommateur, réduit par la destruction à une jouissance au lieu de deux. L'autre, sous la figure du Vitrier, nous
- 75 montre le Producteur dont l'accident encourage l'industrie. Le troisième est le Cordonnier (ou tout autre industriel) dont le travail est découragé d'autant par la même cause. C'est ce troisième personnage qu'on tient toujours dans l'ombre et qui, personnifiant ce qu'on ne voit pas, est un élément nécessaire
- 80 du problème. C'est lui qui bientôt nous enseignera qu'il n'est pas moins absurde de voir un profit dans une restriction, laquelle n'est après tout qu'une destruction partielle. — Aussi, allez au fond de tous les arguments qu'on fait valoir en sa faveur, vous n'y trouverez que la paraphrase de ce dicton vulgaire :
- 85 « Que deviendraient les vitriers, si l'on ne cassait jamais de vitres ? »⁶

⁶V. au tome IV, le chap. XX de la 1^{ère} série des Sophismes, p. 100 et suivantes. (Note de l'éditeur de l'édition originale.)

Eu estou aborrecido por ter que desalinhar os seus engenhosos cálculos, de tanto mais quanto ele fez passar o espírito para a nossa legislação. Mas eu peço-lhe para os recomeçar, fazendo entrar em linha de conta o que não se vê a lado do que se vê.

É preciso que o leitor se aplique a bem constatar que não há somente dois personagens, mas três no pequeno drama que submeti à sua atenção. Um, Jacques Bomhomem, representa o Consumidor, reduzido pela destruição a uma fruição em lugar de duas. O outro, na figura do Vidraceiro, mostra-nos o Produtor para quem o acidente encoraja a indústria. O terceiro é o Cordoeiro (ou outro industrial qualquer) cujo trabalho é desencorajado na mesma proporção pela mesma causa. É este terceiro personagem que se mantém sempre na sombra e que, personificando o que não se vê, é um elemento necessário do problema. É ele que em breve nos ensinará que não é menos absurdo ver um lucro numa restrição, a qual é no fim de contas apenas uma destruição parcial. — Além disso, vão ao fundo de todos os argumentos que se fazem valer a seu favor, neles encontrarão apenas a parafrase deste ditado vulgar: «Que deviriam os vidraceiros, se nunca se partisse vidros?»⁹

⁹Vide no tomo IV , o cap.XX, I^{ra} série dos Sofismas, p . 100 e seguintes.
(Nota do editor da edição original.)